

GAZETA, A

Jornal diário vespertino fundado em São Paulo no dia 16 de maio de 1906, sob a direção de Adolfo Araújo.

O PERÍODO 1906-1930

A *Gazeta* instalou sua redação, administração e oficinas na rua 15 de Novembro, nº 33. Ela “nasceu para se fazer paulatinamente, para crescer pouco a pouco, obedecendo na vida da imprensa os mesmos fenômenos que presidem à biologia”, segundo Adolfo Araújo (edição nº 1.855, 16/5/1912). E mais: “Será *A Gazeta*... uma folha de combate, mas equitativa e independente, desligada de preconceitos sectários, refratária, à ação dos interesses... Essa folha propõe-se ser antes de tudo comercial e informativa e, muito embora o seu diretor manifeste pessoalmente pendores por este ou aquele agrupamento político, a sua orientação obedecerá inexoravelmente à mais inflexível e à mais rigorosa isenção de ânimo enquanto concernir aos litígios partidários”.

No entender de seu primeiro diretor, *A Gazeta* foi “o primeiro jornal de São Paulo a inaugurar a reportagem fotográfica”. Desenvolveu “campanhas políticas, sociais e econômicas” — pela valorização do café, pelo ressurgimento da classe agrícola, contra as Docas de Santos —, participando ainda da “campanha presidencial que terminou com a eleição do dr. Albuquerque Lins ao governo do estado... contra a implantação do militarismo” (16/5/1912). Essa linha editorial implantada por Adolfo Araújo seria seguida, após seu falecimento no dia 15 de dezembro de 1915, por seu sucessor Couto de Magalhães. Por sua vez, o novo diretor ocupou o cargo até 7 de novembro de 1916, quando “*A Gazeta* passou a ser propriedade do dr. João Gonçalves Dente”, que se tornou também “seu único diretor” (8/11/1916), tendo como redatores Couto de Magalhães e Antônio Augusto Covelo.

Apesar da intenção de manter uma linha editorial isenta em relação “aos litígios partidários”, Adolfo Araújo mostrou sua inegável simpatia pelo Partido Republicano Paulista (PRP), e as páginas do jornal frequentemente foram ocupadas com a apresentação de relatórios do governo e das secretarias de Estado. Tal fato suscitou a ira dos adversários, que iniciaram campanha contrária ao jornal acusando-o de “vendido ao governo”. A essas

acusações, veiculadas sobretudo pelo periódico carioca *O País*, as páginas de *A Gazeta* responderam nos seguintes termos: “A gerência da *Gazeta* não tem relações financeiras com as secretarias de Estado... que não sejam lícitas de publicações remuneradas em todas as empresas jornalísticas. E essas publicações montam a soma tão ridícula, em relação às despesas do nosso jornal, que a falta delas em nada alteraria o orçamento desta empresa que conta com dez anos de existência e que se fez sólida pelos esforços do seu proprietário.” E mais adiante: “Abra *O País* o seu inquérito e há de verificar que as simpatias da *Gazeta* pelo Partido Republicano Paulista e pelos cidadãos que o representam na administração pública são não apenas independentes mas tradicionais” (22/5/1915). Nas eleições estaduais desse mesmo ano *A Gazeta* apoiou os nomes de Altino Arantes e Cândido Rodrigues para a presidência e vice-presidência de São Paulo, ambos perrepistas.

A posição civilista e não militarista do jornal já era enunciada em 1910, quando do famoso episódio da Revolta **da Chibata**. Em editorial intitulado “A mazorca do Rio”, pode-se ler: “Sem discrepância, de ninguém nem mesmo dos que mais exaltadamente pugnaram contra o advento do militarismo, que desde já começa a exhibir os temerosos arreganhos de que é capaz, todos tiveram palavras de reprovação, todos exprimiram sentimentos de angústia ante a explosão perturbadora de funesta indisciplina que neste momento se implantou nos mais robustos elementos da defesa nacional” (24/11/1910).

Quanto à modernização do parque gráfico, *A Gazeta*, em edição do dia 12 de março de 1921, anunciava que voltava a funcionar “à rua 15 de Novembro 33 no novo palacete construído no mesmo local”. A partir de meados desse mesmo mês o jornal passou a ser composto em máquinas Mergenthaler e impresso em máquinas Duplex, tornando-se um dos jornais mais modernos de São Paulo e do Brasil.

Finalmente, cabe alertar que a mudança de direção e do controle da empresa não foi motivada por “dificuldades invencíveis” de seu diretor proprietário Adolfo Araújo, como sugere matéria da edição comemorativa do cinquentenário da fundação do jornal (16/5/1956). Com o falecimento deste, passou a exercer interinamente o cargo de diretor Couto de Magalhães, por um período de quase um ano. Foi somente a partir de 8 de novembro de 1916 que *A Gazeta* se transformou numa “nova empresa” com “nova orientação”: “*A Gazeta*, passando amanhã a nova empresa, reaparecerá no dia imediato completamente remodelada em todas as suas seções. Sem ligações políticas nem

dependências de qualquer espécie, será folha popular e absolutamente imparcial em suas críticas e comentários” (6/11/1916). E a partir do dia 8 de novembro o subtítulo do jornal — “Jornal fundado pelo dr. Adolfo Araújo” — foi substituído por “Jornal independente”.

Essa mesma edição de 8 de novembro de 1916 continha o seguinte editorial: “A *Gazeta* passou a ser propriedade do dr. João Dente, que é também seu único diretor... Mudando hoje de proprietário, A *Gazeta* muda também de orientação. Não tem a menor ligação com o passado, salvo o nome com que há dez anos apareceu... O objetivo que colimamos é exatamente o de reverenciar, na sempre nobre profissão, o apostolado dos princípios, através de calma e segura orientação, a par desse outro fim dos diários modernos e que consiste em inteirar o leitor, quanto possível, das notícias, telegramas e informações que o possam interessar. A *Gazeta* não tem dependências partidárias, nem acentuadas simpatias por este ou aquele grupo político. E essa circunstância basta por si só para armá-la de indispensável imparcialidade.”

Ao mesmo tempo em que se introduziram modificações formais quanto à paginação e conteúdo do jornal, foram apresentados, nos dias subsequentes, os seguintes colaboradores: Carlos de Laet, Abner Mourão, Sílvio Romero Filho, Antônio Torres, Campos de Medeiros, Brício Filho, Coelho Neto e Oliveira Lima, entre outros.

No decorrer de 1917 o tema da carestia tornou-se frequente nas páginas do jornal, a ele se somando o tema do trabalho do menor nas indústrias (10/1/1917, por exemplo). Quanto à sucessão presidencial, A *Gazeta* apoiou Rodrigues Alves. E quanto à questão internacional da guerra, ela se posicionou favoravelmente aos Aliados, defendendo o rompimento de relações diplomáticas com a Alemanha (edições de 10 a 16 de abril de 1917, e a partir de outubro desse ano).

Em abril de 1917 José Gonçalves Dente deixou a direção do jornal, assumindo o cargo Antônio Covelo. A *Gazeta* não só mudou de direção, como também a redação e as oficinas mudaram para “o magnífico prédio da rua Líbero Badaró”. E a partir de 23 de abril o *slogan* “Jornal independente” desapareceu, surgindo em seu lugar o nome do diretor proprietário: Antônio Covelo. A partir de outubro de 1917 a linha editorial deu prioridade ao noticiário sobre a Primeira Guerra Mundial, destacando os esforços dos países aliados em oposição à Alemanha. Em novembro, na edição do dia 21 informava A *Gazeta* que os órgãos de imprensa começavam a ser censurados: “Começou hoje a exercer-se a censura

oficial na imprensa. O *Correio Paulistano* — quem diria que a estreia seria do órgão oficial? — já apareceu com um pedaço de coluna em branco.”

Em 16 de maio de 1918 Antônio A. Covelo deixou a direção de *A Gazeta*, assumindo seu cargo Cásper Líbero: “Com a retirada do dr. A. A. Covelo, assumirá amanhã a direção da *Gazeta* o dr. Cásper Líbero, proecto advogado e distinto jornalista, que há meses vem exercendo a sua atividade nesta folha. O dr. Cásper Líbero é um nome assaz conhecido na imprensa nacional, tendo sido um dos fundadores da *Última Hora*, vespertino que alcançou um brilhante sucesso no Rio e que, na vigência do estado de sítio da presidência Hermes, teve a sua publicação suspensa” (16/5/1918).

Não obstante a mudança de propriedade, não ocorreu uma reorientação do programa editorial do jornal. A orientação continuou a mesma, passando Cásper Líbero de diretor gerente para diretor proprietário e permanecendo Miguel de Arco e Flexa como secretário de redação. O jornal continuou sendo “moderno e informativo”, mantendo a condição de jornal “independente, desligado de compromissos partidários”, e “moralmente orientado pelo ideal de grandeza do Brasil”. Essa postura “independente”, todavia, nunca significou para *A Gazeta* isenção política: Cásper Líbero apoiou em várias oportunidades os candidatos do PRP. Em relação ao noticiário internacional, o jornal continuou apoiando os movimentos republicanos e os aliados. Quanto à Revolução Russa, o jornal sempre informou-a dentro da ótica republicana chefiada por Kerensky (edições de 11, 12, 14, 15, 17, 18 e 19 de setembro de 1917).

Embora a linha perrepista se mantivesse, em termos materiais os primeiros anos da gestão de Cásper Líbero foram marcados por dificuldades financeiras, passando o jornal a circular com quatro páginas em vez de seis, e sofrendo a impressão gráfica uma transformação para pior. A partir de 26 de junho de 1920 o jornal passou a ser impresso em máquina rotativa Marinoni.

Em relação ao Partido Comunista Brasileiro (PCB), fundado em 1922, *A Gazeta* não manifestou nos anos imediatos nenhum tipo de opinião ou comentário contrário. Já no ano de 1926, o noticiário sobre a Coluna Prestes era abundante, assumindo o periódico uma posição de neutralidade e distanciamento. Apresentava ele os relatos sobre a coluna sem tomar posição política em relação aos revoltosos e aceitando os apontamentos de Vale Cabral, Viriato Correia e Batista Luzardo.

Uma posição anticomunista apareceu somente na iminência da Revolução de 1930, com a adesão de Luís Carlos Prestes ao comunismo em maio daquele ano. Quanto ao manifesto de Prestes, foi assim comentado: “A repulsa que a opinião pública está oferecendo ao manifesto do comandante Prestes, chefe revolucionário que se transformara numa espécie de Dalai Lama da demagogia nacional, é tudo quanto pode haver de mais expressivo. Consigna-se por essa forma a vitória do bom senso. Mesmo entre os elementos reacionários mais apaixonados a violenta metamorfose do exilado de Buenos Aires não encontra o menor apoio” (2/6/1930). E poucos dias depois: “A Aliança Liberal, que, em desespero de causa, entrou em confabulações com os seus adversários de ontem, será capaz de insistir nos seus processos. As suas manobras tornarão o carnaval comunista mil vezes mais perigoso do que ele é na realidade. Antes, pois, de volvermos as vistas para os figurantes dessa comédia que tem no Bloco Operário e Camponês a caricatura mestiça dos soviéticos neste adorável país digno de melhor sorte e de melhor gente, tenhamos de olho a camorra liberal” (5/6/1930).

Anteriormente a 1930, *A Gazeta* não havia tomado posição como um periódico anticomunista, dando ênfase, ao contrário, ao direito de o PCB existir como partido político legal. Mas, contraditoriamente, o periódico revelava também uma certa simpatia pelo fascismo italiano, chegando a louvar a *Carta do trabalho* de Mussolini. No plano federal, *A Gazeta* defendeu em 1925 a candidatura de Washington Luís à presidência da República: “Toda gente está cansada de saber que o candidato é o sr. Washington Luís; que contra ele, se se levantar a dissidência paulista, também se levantará, com todo o seu armamento policial, o Rio Grande do Sul; que a Bahia só o apoiará se for seu companheiro de chapa o sr. Góis Calmon; que, enfim, no Distrito Federal ele não terá um só voto” (15/5/1925).

O último período presidencial da Primeira República representou para o jornal sua fase áurea: sua tiragem dobrou, o que se deveu em parte ao processo de progressiva modernização do vespertino, resultando na alteração de seu formato, que passou a ser menor e de mais fácil manejo. Mas diante das eleições de março de 1930, *A Gazeta* discordava tanto dos democráticos (ligados ao Partido Democrático) quanto dos aliancistas (edições de 17 e 18 de fevereiro e de 15 de março de 1930). Nesse ano, o grande candidato nacional era Júlio Prestes: “Votar em Júlio Prestes é votar pela felicidade do Brasil e da República” (25/2/1930).

O PERÍODO 1930-1945

O jornal deixou de circular entre os dias 25 de outubro e 16 de novembro de 1930, quando retornou sob a direção de Pedro Mota Lima: “Reaparecendo hoje sob a direção técnica do sr. Pedro Mota Lima, *A Gazeta* manterá o caráter de jornal informativo por excelência... O comentário político... o leitor encontrará em artigo assinado pelo sr. Pedro Mota Lima... jornalista de grande atuação na corrente revolucionária” (16/11/1930). Mas poucos meses depois houve nova mudança na direção, que passou a ser ocupada por Eurico Martins, e a partir de então o jornal tomou posição cada vez mais agressiva em relação aos novos governantes, tanto em nível estadual quanto federal. O tema mais frequentemente apresentado era o da volta à normalidade institucional, vale dizer, ao estado de direito.

A edição de 8 de outubro de 1931 anunciava uma postura de franca oposição ao governo outubrista: “Colocamo-nos hoje em franca e desabrida oposição ao governo nascido de um movimento que seria o mais justo e o mais belo, se conduzido sinceramente por aqueles que o encabeçaram.” O ano de 1932 foi marcado, na evolução da linha editorial de *A Gazeta*, pela defesa da “reconstitucionalização” do país: “De São Paulo partiu o brado da Independência; de São Paulo também parte agora o brado pela Constituição” (11/7/1932). Derrotado o movimento de 1932, *A Gazeta* conclamou o povo “rumo ao trabalho” e portanto à ordem, embora o tema da reconstitucionalização do país permanecesse em suas páginas. Por outro lado, embora a linha editorial do jornal fosse simpática ao fascismo italiano, essa simpatia não se traduzia no apoio aos integralistas liderados por Plínio Salgado: “Num país que depende do capital estrangeiro e luta com a extensão territorial despovoada, o fascismo só pode ser ficção de literatos ociosos” (5/6/1933).

A 8 de maio de 1933 o nome de Cásper Líbero passou novamente a figurar como diretor de *A Gazeta*, tendo dias antes o jornal apoiado, nas eleições para a Constituinte, a Chapa Única por São Paulo Unido. Quanto à interventoria no estado de São Paulo, o jornal apoiou a escolha de Armando de Sales Oliveira, “nomeação que vem ao encontro das aspirações da maioria do povo paulista” (16/8/1933). Mas já no decorrer do primeiro semestre de 1934, *A Gazeta* começou a discordar do governo civil e paulista, pois sua gestão representava, para o jornal, uma política de capitulação frente ao governo federal. “Para que São Paulo recupere a influência na esfera da política federal, não precisa que o seu interventor se

curve perante o sr. Getúlio Vargas” (23/8/1934). E poucos dias depois: “O sr. Armando de Sales Oliveira não representa, no governo, o povo de São Paulo. Representa, quando muito, um grupo de interessados em defender grandes interesses perante o governo da União” (8/9/1934).

Ainda em 1934 *A Gazeta* aceitou a acusação de que teria havido fraude nas eleições de outubro daquele ano, e se respaldou no editorial do *Correio Paulistano*, órgão do PRP. No ano seguinte, criticou veementemente a Lei de Segurança Nacional, defendida por Filinto Müller. A oposição ao governo Vargas continuou, e o comunismo era visto como produto da Revolução de 1930: “Irrompendo o movimento revolucionário de 1930, os políticos militares que a ele se filiaram, alguns por idealismo, outros por ambição ou despeito, aceitaram a cooperação de conhecidos adeptos do credo de Moscou, firmando com eles compromissos” (26/11/1935).

A partir do Estado Novo, *A Gazeta* perdeu sua personalidade política, deixou de ser um jornal oposicionista e teve seus editoriais controlados pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP). No plano internacional, o jornal continuou demonstrando simpatia pelo fascismo italiano, pelo nazismo e pelo nacionalismo franquista. O novo interventor em São Paulo, Ademar de Barros, ex-deputado perrepista, foi acolhido pelo jornal com o seguinte cabeçalho: “São Paulo retoma a sua caminhada para a frente” (10/5/1938).

Com a eclosão da Segunda Guerra Mundial, as páginas do jornal foram ocupadas pelos feitos norte-americanos e dos Aliados, embora Cásper Líbero tivesse recém-adquirido uma nova máquina rotativa da Alemanha.

A partir de 1942 *A Gazeta* tornou-se um jornal completamente simpático a Vargas, tratado como “o presidente amigo dos trabalhadores”. Não obstante, a questão da democracia se colocou antes mesmo da vitória aliada: “Felizmente, as nações da democracia souberam firmar, antes de tudo, o pacto sincero que há de refundir os alicerces e as linhas estruturais da vida dos povos na era que vem vindo. Justiça e liberdade — eis os direitos eternos que a Carta do Atlântico defende e garante a todas as gentes” (29/6/1943).

No dia 27 de agosto de 1943 Cásper Líbero morreu num desastre aéreo. O falecimento do diretor proprietário de *A Gazeta* resultou na transformação da empresa em Fundação Cásper Líbero. Em janeiro de 1944 tornou-se diretor de *A Gazeta* Miguel de Arco e Flexa, antigo funcionário do jornal.

No processo de redemocratização do país o jornal veiculou informações sobre o general Eurico Dutra e o brigadeiro Eduardo Gomes, assumindo claramente posição de ataque ao candidato comunista Iedo Fiúza: “É necessário que a reconquista democrática não seja desnaturada por ideologias adversas à nossa fé e às nossas prerrogativas de povo inadaptável a arbítrios pessoais e a ditames de extremismos de quaisquer procedências” (28/11/1945).

O PERÍODO PÓS-1945

A eleição de Dutra foi recebida por *A Gazeta* com satisfação: “Recebemos, com satisfação, a posse do novo presidente. Trata-se de brasileiro ilustre por todos os motivos, a cuja visão é entregue a salvaguarda do futuro da pátria” (31/1/1946). E de março de 1946 a maio de 1947 o tema mais frequente das análises políticas de *A Gazeta* girou em torno da extinção do PCB: “Tudo se movimenta a respeito de duas questões: a provável suspensão do PCB e o quadro político-administrativo de São Paulo. Dois pontos delicados para o governo federal que foi instituído através da jornada de redemocratização”. E mais adiante: “Qual a posição do sr. Ademar de Barros... eleito com o apoio do PCB? Teria indagado o general Góis Monteiro se é caso de intervenção? Não cremos. Intervenção assusta, é ato que só coaduna com os regimes de força do Estado Novo. Na democracia a diferença é enorme” (5/5/1947).

Formalmente, *A Gazeta* manteve-se neutra e apartidária em relação ao pleito de 3 de outubro de 1950, permitindo essa posição a veiculação em massa de apelos políticos em prol dos candidatos do Partido Social Progressista (PSP) e Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), Getúlio Vargas e Lucas Nogueira Garcez. Isso ocorreu a despeito do fato de os editorialistas do jornal serem mais propensos às candidaturas do brigadeiro Eduardo Gomes e de Cristiano Machado. A vitória de Getúlio Vargas foi assim vista: “Passada a agudeza da traumatizante impressão causada pelo resultado das urnas de 3 de outubro, começa a preocupar os espíritos a apreciação das possíveis e prováveis tendências que hão de conduzir a política interna e externa do sr. Getúlio Vargas. É certo que a vitória estrondosa do candidato trabalhista lhe defere a mais ampla procuração e um crédito limitado de confiança, por parte do povo, para conduzir os destinos do Brasil” (17/10/1950).

A Carta-testamento de Vargas foi anunciada sem nenhum destaque, sendo preocupação do

jornal a formação do ministério que excluía da lista os paulistas. Quanto às eleições estaduais, *A Gazeta* emprestou seu apoio a Prestes Maia, derrotado por Jânio Quadros. Em nível federal, o jornal sofreu nova decepção com a eleição de Juscelino Kubitschek, pois suas simpatias recaíam sobre Juarez Távora. Muito embora o resultado das eleições não fosse do seu agrado, o jornal assumiu a defesa das posições legalistas para garantir a posse do presidente eleito, que receberia o apoio do jornal durante sua gestão.

Entre os anos de 1954 e 1955 Miguel de Arco e Flexa se aposentou, sendo substituído por Pedro Monteleone até 1966. A partir de então o novo diretor foi Américo Bologna, até que Otávio Frias de Oliveira, diretor presidente da Empresa Folha da Manhã S.A., assumiu também a direção de *A Gazeta*.

No plano político, a linha editorial de *A Gazeta* manteve uma desconfiada distância da gestão de Juscelino Kubitschek, assumindo postura bastante crítica: “Em 55 meses de governo JK emitiu mais de cem bilhões de cruzeiros” (8/9/1960), ou: “Apenas o Judiciário está funcionando: acéfalos os poderes Executivo e Legislativo em Brasília”. Ou ainda: “Apenas o Poder Judiciário funciona normalmente em Brasília. JK ausente há vários dias e os ministros também — No Legislativo não há sessões há duas semanas” (9/9/1960).

Na sucessão presidencial o jornal apoiou o candidato Jânio Quadros: “O êxito está propício a Jânio. A vassoura prepondera como símbolo. Expressa novos processos de política e de administração, a República tem de evoluir na ascendência das reivindicações sociais, livre das peias do passado e daquela mentalidade de arbítrio, prepotência e retrogradismo que culminou no mito liberticida de aventura totalitária. A bandeira de Jânio significa outras finalidades de governo. Reclama isso, o povo. Exausta de ludíbrios, de dificuldades de vida, e de desvirtuamento da democracia, a nação, por sua maioria, já elegeu Jânio” (5/9/1960). Segundo o jornal, Jânio Quadros já havia revelado suas qualidades enquanto governador de São Paulo: “Restabeleceu a confiança e o crédito do Tesouro de São Paulo. Concretizou em menos de dois anos obras e serviços em maior quantidade que todas as administrações anteriores... O povo do Brasil resolveu elevar à chefia de nação o político e administrador capaz de conduzir aos seus legítimos destinos a República democrática. Como duvidar do triunfo janista?” (5/9/1960).

Quanto à política internacional, o periódico defendeu alinhamento aos EUA para fazer frente ao comunismo internacional comandado por Moscou: “Os consorciados sob a

bandeira da foice e do martelo objetivam derrubar o prestígio norte-americano, pretendem desmembrar a coligação do hemisfério, para aqui disseminar as células de provocações das rebeldias e de infiltração por meio da guerra fria, como sucede já na Cuba de Sierra Maestra, na propaganda aberta sob a complacência do Uruguai, e nas repetidas amotinções ou tentativas de revolta em cada República aquém do Rio Grande” (2/1/1961).

Essas considerações foram veiculadas pelo jornal antes da posse de Jânio Quadros. A posse do novo presidente significaria uma completa reviravolta na política internacional brasileira: Cuba e União Soviética tornaram-se manchete, marcando a política de autodeterminação dos povos, francamente favorável aos países do Terceiro Mundo e hostil aos EUA. A *Gazeta* absorveu discretamente essa nova orientação da política externa do país. O editorial de 17 de fevereiro de 1961, intitulado “A política externa brasileira”, afirmava: “Está definida a orientação política do presidente Jânio Quadros no setor internacional. Três decisões tomadas agora confirmam o ponto de vista do chefe do governo, preocupado em manter solidariedade aos povos que defendem a própria liberdade e a democracia, como em sustentar a garantia da paz no hemisfério e em secundar as reivindicações da América Latina.” A política externa independente de Jânio Quadros tornou-se manchete quase diária do jornal de fevereiro de 1961 a agosto desse mesmo ano: “O presidente da República transmite ao Itamarati: apoio do Brasil à admissão da China Comunista na ONU” (23/2/1961); “Confirma o chanceler Arinos, Jânio irá a Moscou” (10/8/1961), e finalmente, “Condecoramento de Che Guevara foi estopim: crise entre o presidente JQ e o governador Carlos Lacerda ainda não foi superada” (21/8/1961).

Com o recrudescimento da crise política, *A Gazeta* assumiu de forma mais clara a defesa da política externa independente do governo, e condenou as críticas que Carlos Lacerda e setores mais conservadores dirigiam ao poder central. No editorial “A nação e o presidente” afirmava-se: “O governador de Minas coordena os chefes de Executivo estaduais udenistas, no intento de prestigiarem a política exterior que se mantém fiel aos compromissos com o sistema das democracias ocidentais... A maioria da nação, a maioria esmagadora está firme com Jânio Quadros” (25/8/1961).

Diante da renúncia do presidente e da crise política que se instalou em virtude do veto dos militares à posse de João Goulart, *A Gazeta* só assumiria posição favorável à posse do vice-presidente no dia 1º de setembro de 1961: “Nós, na estacada de *A Gazeta*, fomos fiéis à São

Paulo e à Constituição. Hoje, novamente na luta pelo esclarecimento dos que palmilham o roteiro das soluções absurdas, lembramos que, sem Constituição, a República democrática desaparece.”

Ainda antes do final de 1961 operou-se nova mudança na direção do periódico: Pedro Monteleone solicitou licença e foi substituído por José Líbero, irmão de Cásper Líbero.

A partir de 1962, *A Gazeta* iniciou um período de decadência: a edição de segunda-feira, que chegou a circular com 44 páginas, passou para 22. Os anos de 1963 e 1964, período dos mais conturbados da história republicana brasileira, foi documentado por *A Gazeta*, que não chegou a se colocar manifestamente contra João Goulart: a defesa do texto constitucional era clara, assim como a aposta na habilidade política do presidente para a superação da crise. A edição do dia 1º de abril de 1963 trazia o seguinte editorial: “Temos, sim, uma só Constituição. É democrática e cristã — assim, contra todas as tiranias. Não admite solidariedades e totalitarismos, como o castro-sovietismo de Cuba. Nenhum governador, nenhum ministro, nem o presidente da República, ninguém pode interpretá-la a seu talento... Nem é por outro motivo, evidentemente, que o presidente João Goulart acaba de reafirmar ‘jamais dará guarida’ a extremismos, de todo ‘incompatíveis com nossos sentimentos de fé cristã e liberdade democrática’.”

Nos primeiros dias de março de 1964 *A Gazeta* se pronunciou francamente contrária às várias medidas pretendidas pelo governo João Goulart, desde desapropriações das glebas situadas nas margens das ferrovias até o comício do dia 13. No dia 1º de abril, o periódico anunciou o movimento de 31 de março de 1964: “Ergue-se o Brasil pela Constituição... A sorte da democracia está lançada. Os brasileiros dignos, os que cultuam as tradições da família, da fraternidade, da pátria una e indivisível, estão de pé lidando contra o ateísmo que representa regime de exceção, a escravidão de um povo.” E mais adiante: “Estamos de novo nas trincheiras da lei. Não é um ato de rebeldia, inspirado em interesses político-partidários... De novo, marchamos pela Constituição.”

Poucos dias depois, cassação dos mandatos parlamentares era considerada medida insatisfatória, pois o expurgo devia ser geral: “Só a cassação de mandatos legislativos, ainda que abrangendo as assembleias estaduais e incluindo as edilidades — não basta. Há comunistas no Supremo Tribunal e outros órgãos do Judiciário, nos comandos militares e altos cargos civis, nas repartições públicas e organismos paraestatais, nas empresas

privadas e entidades de classes, nos jornais, tevês e rádios, no cinema, noutros setores, até nas igrejas. O expurgo deve ser geral e apanhá-los todos” (7/4/1964). O fantasma do comunismo justificava todas as medidas arbitrárias do novo regime autoritário. O editorial do dia 15 de janeiro de 1965, intitulado “Luta contra o comunismo” defendia as medidas excepcionais utilizadas pelos militares.

A partir de 10 de janeiro de 1967 passaram a figurar no expediente de *A Gazeta* os seguintes nomes: Américo Bologna como diretor, Gumerindo Fleury como redator-chefe, Lúcio Barbosa como secretário. Entre os anos de 1967 e 1968 *A Gazeta* passou a ser controlada pelos proprietários da *Folha de S. Paulo*. Otávio Frias de Oliveira passou a ocupar a presidência da Fundação Cásper Líbero, sendo o jornal a partir de então impresso nas gráficas da Empresa Folha da Manhã S.A. Em 1969 o diretor responsável continuou sendo Américo Bologna, mudando o editor-chefe e o redator-chefe, que passaram a ser respectivamente Múcio Borges da Fonseca e Gumerindo de Pádua Fleury. Com a imposição da nova Lei de Imprensa e a censura aos assuntos considerados de segurança nacional, os comentários políticos perderam a marca de opinião do jornal, sendo apenas noticiados como fatos políticos. A política do diálogo e da distensão somente chegaria às páginas de *A Gazeta* no governo Ernesto Geisel. Pouco tempo depois, em 24 de agosto de 1979, *A Gazeta* deixou de circular como jornal autônomo, após um longo período de declínio de sua expressão na imprensa paulista. A partir de então passou a circular como encarte da *Gazeta Esportiva*.

Amélia Cohn/Sedi Hirano
colaboração especial

FONTES: *Gazeta*.